Olga Varela*

Notas sobre a supervisão

Sigmund Freud instituiu a supervisão como um dos três pilares da formação psicanalítica. O significado da palavra *supervisão* apresenta a dificuldade de evocar um trabalho que sugere a superioridade de um membro supervisor sobre outro, que é o supervisado.

Supervisão é o trabalho de supervisionar que um psicanalista efetua sobre outro psicanalista ou candidato, o que indica uma certa posição de superioridade ocupada por um psicanalista que, segundo se pressupõe, sabe mais do que o outro, aquele que supõe-se, vai ensiná-lo a trabalhar.

Essa dificuldade pode ser resolvida se entendermos a supervisão essencialmente como uma discussão entre pares que se encontram para o estudo do material obtido em uma sessão psicanalítica realizada por um deles (supervisado), em que a atenção –flutuante– não se detém no conteúdo manifesto e é sensível a detalhes secundários, traços pouco estimados, o resíduo da observação e coisas secretas ou encobertas (Freud 1890/2004b), e atende ao que no analista ressoa da palavra do outro em determinados fragmentos do discurso do paciente, que inclui –além das intervenções e do trabalho do analista– o saber psicanalítico dos pares, supervisor e supervisado. É o ato de compartilhar a análise de um caso entre dois analistas e saber que não qualquer analista pode supervisionar o outro, já que o analista que apresenta o caso é o analista que realmente sabe, por ser ele que tem o contato direto com o paciente e com a transferência. Penso que devemos, então, fazer com que a supervisão se conserve no terreno da transmissão, e não do ensino da psicanálise, levando em consideração os múltiplos interjogos transferenciais próprios de todo trabalho psicanalítico.

Freud (1937/2004a) é claro e preciso quando defende que analisar seria a terceira daquelas profissões impossíveis, em que é possível determinar como certa a insuficiência do resultado. As outras duas são educar e governar.

Quando a supervisão tem por fim ensinar outro a trabalhar, estamos na ordem do impossível, já que não se pode dar a um outro o que não se tem; é eludir a castração do analista supervisor, que responderia perguntas e resolveria enigmas, e com isso trabalharíamos longe do que chamamos de psicanálise. É acreditar que é possível ensinar. Mas como posso ensinar alguém a trabalhar analiticamente? Realmente posso ensinar?

Concordo com Freud que não é possível ensinar, nem supervisionar, mas sim transmitir. Necessitarei transmitir ao supervisado o desejo de trabalhar na busca da verdade e do inconsciente. Para que possa se tornar psicanalista, o supervisor deverá transmitir uma promessa de novidade. O que se transmite, então, é o encontro com o inesperado, com o surpreendente, com o que ninguém espera, mas que produz efeitos, tem eficácia e potência, razão pela qual consideramos a supervisão ou discussão entre pares um segundo olhar sobre a análise do candidato, como um processo que vai se desenvolvendo entre supervisor e supervisado.

A supervisão reflete as transferências em jogo, que problematizam e fazem com que seja algo complexo esse processo tão particular de transmissão que acontece dentro do contexto da supervisão e que deve ser levado em consideração. Será necessário que trabalhem juntos em um paciente com as transferências e contratransferências que o supervisado tem, tentando compreender analiticamente o paciente sem intervir de modo diretivo, para que o supervisado seja respeitado em sua posição de analista e, desse modo, possa tornar-se tal. Se isso não acontecer, o que surgiria seria um técnico em psicanálise.

O analista que tiver a função de supervisor contará com a vantagem de não ter participado da cena original, mas sim do *a posteriori*, o que o deixa livre da pressão que certa transferência estabelece e que lhe oferecerá a possibilidade de possuir um olhar diferente, dado pela distância; funcionará mais como um mediador.

No seminário sobre o sintoma, Lacan (1975/2006) explica que,

> no primeiro tempo, o supervisado busca a aprovação do outro, por ser necessária a confirmação de um bom proceder quanto à ética em jogo. No segundo tempo, joga-se com o equívoco do analista que supervisiona e é o inconsciente que revelará os obstáculos do supervisado na transferência. Entra-se no jogo da pulsão, que acontece igualmente tanto na análise pessoal do analista como na supervisão. (p. 17)

É nesses pontos cegos do analista que supervisiona que se produz o obstáculo que surgirá na supervisão, e é por isso que, quando o supervisor toca esses pontos cegos do supervisado, sem que seja a finalidade nem que o faça explicitamente, começa a saber sobre o inconsciente, apesar de não se interpretar no dispositivo da supervisão. Podemos dizer que o trabalho analítico sempre é produzido e conhecido na comunicação de inconsciente para inconsciente, onde o ponto cego surgirá como expressão desse encontro. Aqui comprovamos que não há mais resistência do que a resistência do analista, e é impossível que exista algum analista liberado da possibilidade do obstáculo, que, ao ser indicado, faz com que a falha não seja a mesma depois da supervisão, ainda que a falha não desapareça. Portanto, defendo que é muito difícil, senão impossível, que se estabeleça uma supervisão sem a análise pessoal, já que o supervisado descobre o obstáculo que terá de desenvolver em sua análise pessoal.

O supervisor terá sempre a possibilidade de ser esse terceiro olhar e funcionar como intermediário, como um terceiro que separa a relação imaginária que pôde ter sido criada entre o supervisado e seu paciente. Qualquer outra maneira de trabalhar do supervisor o colocaria como o Sujeito Suposto Saber que ensina o que na verdade não sabe, com o consequente preconceito para quem é supervisado.

Referências

Freud, S. (2004a). Análisis terminable e interminable. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 211-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (2004b). Tratamiento psíquico (tratamiento del alma). In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 111-132). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1890).

Lacan, J. (2006). Del uso lógico del sinthome, o Freud con Joyce. In J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan, libro 23: El sinthome* (pp. 11-26). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1975).

* Asociación Psicoanalítica de Guadalajara.